

veio vindo pelo corredor, parou à porta do quarto, escutou: nada. Penetrou no quarto, tirou com infinitas cautelas a chave da fechadura, olhou pelo buraco: ninguém na sala. Afoitou-se mais, abriu a porta, passou à sala. A janela estava encostada, a meia-porta fechada. Ficou alguns instantes interdita, procurando uma explicação da ausência das duas criaturas. Teriam fugido? A idéia de ficar abandonada fê-la estremecer de terror e de ódio. E os seus olhos a perscrutarem a casa fixaram-se na porta da sala da escola. Uma forte pancada do coração acompanhou a súbita convicção que lhe nasceu no espírito ao descobrir a um canto, atrás da porta que abria, o chapéu do doutor posto sobre a bengala.

A porta da escola estava apenas cerrada; via-se, pela bandeirola, que não havia luz lá dentro. Na ponta dos pés aproximou-se dessa porta, e pela estreita frincha o seu ouvido sábio apreendeu rumores que não deixavam dúvida.

A velha escutou bem, certificou-se bem, endireitou-se, teve um sorriso feroz, e, com o passo balanceado de uma leoa decrépita, afastou-se e foi pelo corredor afora a arrastar os chinelos e a monologar em voz alta:

Ora, até que afinal chegou a tua vez, minha donzelinha das dúzias! Agora vai acabar-se o meu cativeiro. De hoje em diante hás de abaixar a grimpã diante de mim! Ah! ah! Mulher de nossa raça não mente fogo... Eu sabia que havias de cair também, mesmo com a tua proa e com a tua sabença... Já não hás de sentir tanto desprezo e tanta vergonha de tua mãe, a quem tratas como a uma cadela. Agora falaremos de igual a igual... Tão bom como tão bom! Muitas felicidades, senhores noivos! Estejam à vontade, e até amanhã.

E entrou no seu quarto, puxando a porta com estrépito e fazendo a chave ranger com força na fechadura.

## CAPÍTULO X

AO ACORDAR alta manhã, sem a consciência exata de ter dormido, antes com a sensação de febril fadiga que deixam no corpo as flagelações da insônia, o sentimento da realidade veio a Bilinha no mesmo instante, tão depressa quanto seus olhos encontraram a claridade intensa coada através da telha-vã da alcova, desenhando nos interstícios carreiras de agudos e rutilantes punhais de fogo. Alguma coisa testemunhava dolorosamente a realidade de que ela no primeiro momento ainda pudera imaginar um sonho mau tantas vezes sonhado em sonhos, durante os quais se prolongava até o extremo

a exaltação solitária dos seus sentidos. A certeza do desastre era nítida fisicamente; mas havia ainda uma porção de sombra do extinto e agitado sono a povoar-lhe o espírito, a envolver, como no aconchego protetor de um nimbo escuro, os pensamentos alucinados com que adormecera morbidamente ao tombar despojada de suas asas, numa queda rápida e brutal, com todo o peso inerte de sua carne maculada para sempre.

Era, pois, bem verdade que caíra e que nenhuma força humana seria capaz de levantá-la de sua abjeção. De mais em mais lúcida, repassava na mente todos os episódios do desastre, mas estes se apresentavam tão confusos, tão desconexos, que acreditava ter sucumbido numa trégua de sua razão. Agora se tornara a igual dessa mãe que desprezava, a quem reduzira ao papel de uma companheira forçada e intolerável, de cujo conselho e concurso prescindira sempre como inúteis senão como perigosos... Teria bastado, entretanto, a presença impassível daquela mulher durante as visitas de Alípio para evitar que sucedesse aquilo... De caso pensado, talvez ela se esgueirava, deixava-os sós, abandonava-a à mercê daquele homem sem escrúpulos, daquele sátiro que lhe saiu de sob a capa de um poeta... Pedir-lhe a sua presença era patentear o receio, revelar o enfraquecimento do seu orgulho de se mostrar superior à contingência do sangue mau que lhe corria nas veias. Já pressentia o pungir do sorriso de escárnio com que a mãe ia encará-la, do olhar de vingança que lhe dardejaria, das palavras de desabafo que talvez lhe diria...

Abriram a janela da rua; a penumbra da alcova rarefez-se com a nova porção de luz que penetrou pelas bandeirolas. Os punhais rutilantes do telhado desvaneceram-se, ou, antes, vieram cravar-se no seu coração, onde a mágoa estava ainda adormentada, como uma chaga que espera um movimento para se fazer sentir. Uma luz mais crua devassou-lhe também o íntimo, e com ela sua sensibilidade despertou inteira: o sentimento do erro irreparável lá estava já a doer-lhe tanto na consciência como se uma brasa a fosse queimando, penetrando, sem que ela pudesse atirá-la para longe de si, condenada a suportá-la em todo o resto de sua vida. O seu sonho nupcial de moça amorosa transformara-se nessa vileza, nesse acidente animal, sem a pluma de uma ilusão para atenuar a queda. O vampiro mordera e fugira, e ela acordava sozinha no seu leito como uma enferma sem cura, abandonada, perdida, perdida...

A velha arrastava os chinelos na sala, varria, batia as cadeiras, resmungava... Estava impaciente talvez por certificar-se da verdade, por desabafar o seu sarcasmo e o seu rancor. Que fazer? Como levantar-se? Como aparecer àquela mulher? Era melhor deixar-se

ficar deitada, sem falar, sem comer, sem mover-se. Mas no dia seguinte não seria a mesma coisa? não teria que passar sempre o terrível momento? E as crianças, que não tardariam a chegar para a aula...

Afinal tomou uma resolução pronta, ergueu-se, vestiu-se, banhou longamente o rosto e saiu do quarto num momento em que sentiu a mãe dirigir-se para o interior da casa. Caiu na espreguiçadeira e seu olhar correu para a porta fatal por onde tinha entrado na perdição. E só então começou a pensar nas conseqüências da sua queda. Poderia ficar aquilo em segredo? Que iria Alípio fazer dela? Quando o veria de novo? Como seria esse encontro? Iria ficar sendo simplesmente a sua amante? Que poderia exigir dele, que nem ao menos a iludira com uma promessa de casamento? As outras caem sempre com a ilusão dessa promessa, falaz embora, mas que é, afinal, uma desculpa e uma esperança. Ele, não, possuía-a sem compromisso, sem acenar-lhe com uma ilusão, irresponsável, livremente, como os animais no campo... Desgraçado sangue! Maldito destino!

D. Maria Lina apareceu na sala. E resolutamente, com uma expressão satânica no semblante, pondo as mãos nodosas e secas nos quadris, disse:

— Venho dizer-lhe que sei tudo o que se passou esta noite aqui. Não tenho que lhe pedir contas, porque você é senhora de suas ventas e nunca se importou comigo para coisa alguma. Só o que lhe digo é que se cumpriram as minhas palavras: — quando os meus males forem velhos os de alguém serão novos. Se você me tratasse como sua mãe, lhe teria feito ver o perigo que você corria dando entrada aqui a esse homem, que é um perdido. Agora está sem jeito. Eu fecho os olhos a tudo, e da minha boca não sairá uma palavra. Só o que não tolero mais é que você continue a tratar-me como a uma pobre retirante a quem, por muito favor, se mata a fome. É andar muito direitinha comigo, porque eu posso desgraçá-la com uma palavra.

E, temendo comover-se com as lágrimas que corriam silenciosamente dos olhos pisados de Bilinha, a velha saiu, deixando a sua ameaça a vibrar sinistramente aos ouvidos da pecadora, em cujo livor ardiavam, num destaque estranho, duas rosas de febre. Começava a expiação; recebia a primeira pedra justamente da mão dessa que devia ser a natural protetora, da mão materna transformada em garra, não para defendê-la, mas, para alancear-lhe mais o coração despedaçado.

Daí a pouco entrava na escola a primeira menina; era uma pequenina de feições angélicas, palidazinha e séria, ainda vestindo luto pela morte da mãe. Bilinha tinha-lhe uma ternura particular, numa

simpatia compassiva, que a menina retribuía com toda a meiguice de seu coraçãozinho órfão do afeto materno e para o qual era um bem inestimável o beijo com que a mestra a acolhia à entrada. Vendo-a imóvel na cadeira, a criança veio apertar-lhe a mão na sala, e, por força do hábito, estendeu-lhe o rostinho descorado e triste. Mas Bilinha sentiu-se indigna de tocá-la, desviou a cabeça, ergueu-se rapidamente e, impelindo-a brandamente para a escola, murmurou engasgada pelo pranto:

— Vai, vai, minha filha! deixa-me! deixa-me!

Surpresa e chorosa, a pequena voltou à escola, e, ao chegar outra companheira, segredou-lhe com um ar de mágoa e de mistério:

— Eu acho que a mãe da minha mestra morreu: ela está triste demais e chorando!

Mas a outra, maior e mais ladina, objetou:

— Morreu lá nada! Se tivesse morrido, não havia aula hoje.

E com os olhos acesos de curiosidade:

— Olha, eu vou lá dentro beber água para ver.

Bilinha estava a chorar desabaladamente no quarto, quando a mãe, num tom natural, quase terno, disse, batendo levemente com os dedos na porta:

— Vá tomar banho; o almoço está pronto.

Estas palavras costumeiras, ditas naquele tom, fizeram-lhe sentir o contraste entre a sua agitação e a normalidade monótona da vida exterior. Era como se não tivesse havido coisa alguma — banho, almoço, aula, e mais tarde, talvez, à hora do recreio. Alívio viria tomar a sua xícara de café... Ah! não! não queria vê-lo tão depressa, pelo menos à luz do dia... Encarregaria a mãe de despedilo... Não teria forças para encará-lo.

O banho levantou-lhe um pouco a quebreira dos nervos. Não almoçou; tomou apenas uma xícara de café. Ao aproximar-se a hora do recreio foi deitar-se um pouco.

— Se o doutor vier...

— Que estou incomodada, não posso absolutamente falar-lhe. — disse Bilinha com o rosto coberto pela varanda da rede. Mas Alívio não apareceu. À hora que a pequenada voltava ao salão da escola, Bilinha chamou a menina mais crescida, que a auxiliava em tomar as lições, e disse-lhe:

— Margarida, chame a Clarinha e tome com ela a lição das outras. Estou com muita dor de cabeça, e não posso mais estar em pé. Veja que todas se portem bem.

— Sim, minha mestra, — disse a rapariguinha muito vermelha, já ensaiando o aprumo da investidura.

— Depois das lições podem ir embora todas. Não precisa cantar o hino hoje. E estudem baixo, porque qualquer barulho me incomoda muito.

A pequena repetiu: “Sim, minha mestra”, e correu a dar desempenho à sua missão.

Bilha eximia-se à sua tarefa diária, não só por fadiga, como porque lhe repugnava penetrar naquele recinto, povoado ainda do espectro de sua virgindade morta. E a convivência com o bando de crianças, símbolo da extrema pureza humana, lhe seria penosa demais naquele momento e se lhe afigurava criminosa mesmo: não se sentia digna de olhá-las, de falar-lhes, de tocar-lhes, impregnada como estava do veneno do seu pecado. Lá estavam as inocentes a grazinarem baixinho, descuidosas como um bando de aves pousadas sobre o lamaçal de um caminho. Nascer para ser mulher... Qual seria o destino de cada uma dessas criaturinhas? Um casariam, estas bem, aquelas mal; outras morreriam sem ter conhecido os mistérios do amor com seus gozos e suplícios; outras... Não haveria entre elas algumas, ou ao menos uma, fadada para o infortúnio que a ferira de maneira tão desastrosa? Alguma devia ter vindo ao mundo evadida do vírus maléfico que mais cedo ou mais tarde destrói uma existência, como acontece aos herdeiros dos morbos implacáveis. Agora eram todas de uma angelitude igual, sob a forma provisória de botões uniformes e inodoros... Ela também fora assim, mas essa fase de sua vida estava tão apagada de sua memória!... Apenas lembrava detalhes esparsos, pessoas que conhecera, casas em que morara, passeios que dera, vestidos que possuía... Mas nenhuma noção guardara da sua individualidade de menina. É que então não pensava, e o seu cérebro nada teve que guardar das pueris impressões que o povoaram um instante.

Fora criada em casa de estranhos, os seus padrinhos, a quem a mãe a entregara como para desembaraçar-se de um trambolho. Fizeram-na estudar, tirar uma cadeira de professora, arranjaram-lhe uma nomeação, e então a mãe, já velha e repelente, apareceu para acompanhá-la, para comer o pão ganho com o seu esforço, para não morrer por aí à toa como as outras mulheres dessa espécie.

E com tal sangue a animar de maus impulsos a sua carne moça, em contato com essa viciosa em ruína, assaltada sem piedade por um homem depravado, como lutar, como resistir, como vencer? Como eram ingênuos os seus protestos de pureza, como eram vãos os seus sonhos epitalâmicos! Nunca os seus namorados tiveram os característicos de um noivo possível: à menor demonstração de afeto de sua parte, traía-se-lhes a cupidez criminosa no olhar que mancha em vez de acariciar, no gesto que, em vez de amparar, conspurca.

Por que a cobiçavam todos como a uma “posta de carne”, quando ela procurava justamente sobrelevar-se pela cultura do seu espírito, quando preferia sempre a convivência dos homens inteligentes? Até, por troça, chamavam a roda de sua casa “Club Literário da Praia...” Lá iam jornalistas, poetas, advogados, seus professores mais moços na Escola Normal, e todos corrompidos, todos possuídos da mesma perversão moral! Quem sabe se os “burgueses”, como eles chamavam desdenhosamente aos homens incultos, não teriam sentimentos morais mais delicados? Lembra-se agora de um rapaz do comércio que se apaixonou por ela e a teria pedido em casamento se os tais “intelectuais” não o houvessem escorraçado com as suas chufas e mangações. Esse, com todo o seu dasazo de maneiras, com toda a sua curteza de espírito, era tímido, falava-lhe com respeito, olhava-a candidamente...

Então, a cultura do espírito era incompatível com a pureza de sentimentos? Seria possível que a virtude das criaturas tivesse por base a ignorância? Verdade, verdade, as suas colegas, cujo comportamento tinha a nota de irrepreensível, eram justamente as mais atrasadas ou as que só adquiriam conhecimentos à custa de estudos excessivos, de esforços tenazes. Ela e as outras apontadas como talentosas eram conhecidas também por doidivas, por assanhadas, e até lhes chamavam “povinho da arrelia”, classificação que correspondia mais ou menos ao de *demi-vierge* desse horrível livro de Prévost, que uma delas lhe emprestara e fora, por descuido, encontrado uma noite sobre a sua banca pelo Dr. Silveira, que, apesar de casado, a perseguia com as suas atenções equívocas. Mas esse Chico Herculano, um rústico, casado, tido como homem sério, não atentara também contra o seu pudor de maneira tão inopinada, ali a dois passos do leito da mulher enferma?

Decididamente ela era um juguete do destino, pertencia por nascimento, pelo sangue, pela raça, talvez pela expressão dos olhos, pelo corte da boca, pelo contorno de suas formas a essa espécie de mulheres predestinadas, que correm para a perdição sobre trilhas inevitáveis. Entretanto a Mercês, a sua companheira de leituras e de conversas escabrosas, conhecedora das coisas mais impudicas, dos mais vesgos segredos da sensualidade humana, casara, vivia feliz e honestamente com o marido, e até deixara de cumprimentá-la para mais completo esquecimento das loucuras passadas. Fora essa Mercês, com sua carinha de santa e os seus olhos meigos, quem a iniciara nesses segredos, profanando-lhe a absoluta inocência em que vivera até então. E estava casada, adorava o marido, era adorada por ele, educava esmeradamente os filhos. Ainda há pouco tempo um jornal noticiava o natalício da “virtuosíssima esposa do Sr. Ro-

cha, modelo das esposas, protótipo da mãe de família, um verdadeiro anjo do lar"... A Mercês!... Também ela adivinhara o que seria no futuro a amiga com quem lia a portas fechadas os livros maus tirados com uma chave falsa da gaveta do irmão?

A idéia de estar Mercês mãe de filhos trouxe-lhe improvisamente uma reflexão que não lhe tinha vindo ainda. Um alarma de terror se fez no seu íntimo, um calafrio percorreu-a dos pés à cabeça, e uma onda de suor gelado borbulhou-lhe de todo a pele: se lhe viesse também um filho? Ah! isso seria a sua completa aniquilação pela vergonha e pela miséria, seria tirarem-lhe, além do respeito da sociedade, o pão que lhe dava o emprego!

Enquanto a sua amante ia passando dolorosamente o primeiro dia de sua nova existência, Alípio executava, com uma calma aparente, os movimentos habituais de peça da máquina da vida: apenas levantara-se um pouco mais tarde nesse dia e não ousara ir ao café de uma hora em casa da professora, bem que o intentasse fazer como se nada houvesse acontecido. Alguma coisa mais forte do que sua vontade, sempre inflexível, o fez voltar da esbuina.

Diabo! Seria remorso? A falar a verdade, fizera aquilo sem uma intenção formal, premeditada, apenas pela simples impulsão dos sentidos que essa rapariga tinha o dom de aguilhoar singularmente. Notava que ela ia cair, empurrava-a para que caísse, e entretanto não acreditava que isso acontecesse tão breve e rapidamente: era assim como esses doentes que se sabem incuráveis mas cuja morte não se concebe e só se torna verossímil depois de ela verificar-se, sem mais ilusão possível. Julgava essa virtude mais resistente ao veneno propinado, sem pensar muito que um dia ela lhe morresse às mãos, sem um momento de repulsa invencível, sem uma estranha intervenção salvadora. Era o primeiro pecado dessa natureza que lhe pesava na consciência. A força estranha que o reteve em caminho, esse escrúpulo que lhe abalara a vontade desabusada, refratária a todos os preconceitos morais, devia ser essa coisa chamada — remorso — pelos moralistas. Era uma sensação nova e bem incômoda... O incidente tinha apenas de extraordinário a circunstância da iniciação prática: quanto a isto, tinham desaparecido as suas dúvidas até o momento supremo, e fora uma surpresa mesclada de desapontamento verificar que ficara à sua conta toda a responsabilidade do acontecido. A sua surpresa era igual à de um anatomista a quem se deparasse na mesa do hospital um anônimo corpo de mulher inviolada. Essa rapariga atravessara tantos perigos, passara incólume por entre tantas seduções, industriara-se mentalmente em todos os segredos da sexualidade para vir fisicamente íntegra

cair-lhe facilmente nos braços, depois de um assédio de dois meses apenas!

*Les vierges, c'est pas mon affaire*, dizia o personagem de um romance francês, e essa frase lhe ficara como uma excelente receita contra as amofinações peculiares à posse em primeira mão. Que diabo! há tanto meio de gozar sem responsabilidades e sem conseqüências! E, desconcertado, sorria contudo, pensando que é o motivo oposto que dá lugar ao desapontamento de outros. Felizmente, não prometera coisa alguma, e o não ter ela exigido uma promessa era justamente o que mais o fazia acreditar não haver reparação a fazer. Só havia, pois, uma conduta a seguir: guardar reserva de maneira a iludir qualquer suspeita do desastre, apressar a sua partida, e até lá... pois que o mal estava feito...

Havia mais de uma hora que andava a subir e a descer ruas sem rumo determinado, pela necessidade de acompanhar com o exercício do corpo o trabalho do seu pensamento, como um instrumento acompanha uma voz humana. Agora restaurava na memória todos os episódios da noite, e o pequeno remorso que o picava impertinentemente a espaços, como a farpazinha de um colarinho roído, afogou-se no esto subitâneo de um desejo vivo, exigente, capaz de o fazer perpetrar nesse instante o delito que poucos momentos antes lhe parecia insólito e aborrecido.

Fiz o que faria qualquer outro homem, está acabado! E se não fosse eu seria fulano ou sicrano — o coronel Chico, por exemplo... Quem sabe se ele não ficará como editor responsável de qualquer obrinha que possa vir à luz?

— Psiu! psiu! Dr. Alípio!

Era o Casimiro, que, com um ar significativo de novidade, o chamava da janela do cartório.

— Olá! bom dia. Que há?

— Já estive com o coronel hoje?

— Não.

— Pois há novidades importantes. Demitiu-se o ministério, e o generalíssimo chamou o Lucena.

— O Lucena?! Bom como o diabo! Dou-me intimamente com ele.

— Mas o nosso partido aqui corre seus perigos com essa reviravolta...

— Nosso é um modo de dizer, porque eu não tenho partido algum, por ora.

— Mas se o João Ferreira vier a dar cartas?

— Que faça muito bom jogo. Eu cá estou com o pé no estribo; apenas vim fazer uma visita ao meu tio, e já estou demorando mais do que queria. O João Ferreira não terá o gosto de pedir minha



demissão. O Lucena chamado! Oh! Casimiro, estou quase a dar-lhe umas alvissaras!

— Eu é que não as aceitava. Estou com um palpite desgraçado que vai ficar tudo de pernas para o ar.

E Casimiro passava a mão, desconsolado, pelo pescoço, como já a sentir a pressão da coleira que iria sofrer de novo. Mas, silenciando abnegadamente sobre a sua desgraça particular, prosseguiu compungido:

— E o Asclepiades com aquela filharada, e o João Luís, o secretário da Câmara, coitado, que estava passando fome com a família... Até o Sr. vigário terá que rodar. Quanto à nossa professora, nem é bom falar! O João Ferreira tem-lhe um ódio de morte.

Então Alípio interessou-se:

— É possível! Ter ódio a uma pobre senhora que não faz mal a ninguém!

— Queira desculpar — mas o doutor está no mundo da lua. Se o senhor soubesse os horrores que essa gente espalha contra a D. Bilinha... O João Ferreira só não a trata pelo nome dela.

E, baixando a voz, Casimiro repetiu os infamantes qualificativos que João Ferreira dava à professora, acrescentando afoitamente:

— E dizem, para quem queira ouvir, que o senhor vive com ela.

— Canaiha! murmurou frouxamente Alípio.

Depois quis tranquilizar o Casimiro:

— Você está vendo as coisas mais feias do que são. Não vejo motivos para esses receios. Pois então hão de entregar o município ao João Ferreira, que bate nos peitos gritando que é monarquista?

— Monarquista, aquele bandido? Acenem-lhe com o bastão para ver como ele adere em dois tempos. O Chico Herculano é uma criança que não sabe lutar com aquele macaco velho.

Mas Alípio pusera de lado Casimiro, João Ferreira, a própria Bilinha, para só pensar em si mesmo. Pois que havia turvamento e encapelar de águas, era deitar sem demora o seu anzol, não ali, naquele remanso ignoto e morto, mas lá no grosso do pego, no ponto mesmo onde se fermam as borrascas e de onde partem as correntes convulsionadoras. Frequentava o Lucena no Recife, devia-lhe mesmo uma aprovação laboriosa.

É agora, meu Alípio! dizia ele a si mesmo. Chegou o momento de encaixar a grande campanha, e chegou justamente quando todas as conveniências te empurram daqui para fora violentamente, a pontapés, por trás. Basta de estupidez sertaneja. Precisas estar dentro de um mês, o mais tardar, no Rio de Janeiro, pisando as lajes prestigiosas da rua do Ouvidor. Hoje mesmo falarei ao tio... Ele virá com cantigas de não abandonar os amigos no momento do perigo e outras quejandas tolices. Mas, em primeiro lugar, eu sou o amigo de mim mesmo, e o que justamente não me convém é neste mo-

mento decisivo mostrar solidariedade com estes matutos, que podem ser varridos como formigas por um simples bocejo ministerial. E a tal denúncia, que não dei ainda, felizmente, nem darei mais. Se o tio entesar, o próprio João Ferreira me emprestará talvez o cobre para a viagem... Anoiteço e não amanhã, e, neste caso...

Alípio não completou a reticência nem mentalmente, guardando o resto da frase nalgum recanto onde nem sequer um repórter de almas poderia penetrar para surpreendê-lo. O que é certo é que sorriu e não desmanchou logo o sorriso, bastante incongruente na circunstância e antinômico da frase que disse ao entrar na casa do Chico Herculano, acompanhado da figura desolada e lívida do Casimiro:

— Más notícias, hem?

Chico Herculano achou superioridade naquele sorriso, e, sorrindo também como pôde, obtemperou com heróica indiferença:

— Parece que sim... O generalíssimo<sup>19</sup> chamou o Lucena... Este mandou dizer que a política será a mesma, mas, por um telegrama reservado que tive, acho que vai haver cisão no Centro, e eu fico com o Medeiros, haja o que houver.

— Mesmo sozinho?

— Sozinho não hei de ficar, com o favor de Deus.

— Pela minha parte, exclamou um obscuro correligionário que estava presente, morro com o dente seco e não me chego a essa canalha de João Ferreira.

— Nem eu! declarou Casimiro com uma solenidade que soou falso.

Alípio, que se julgava desobrigado de fazer protestos, pediu com um interesse real mas diferente do que imaginava o Chico Herculano, para ver o telegrama reservado, e ele, sacando um grosso maço de papéis do bolso, mostrou-lhe o despacho em papel azulado, de três laudas, que terminava com estas palavras: "Mantenha-se firme com os amigos. Espere cartas." Viu bem a assinatura *João Medeiros*, e a situação se lhe desenhou nitidamente no espírito: os radicais romperiam com o governador, os adventícios o apoiariam, logo: contradança em todo o Estado para eliminação dos que se conservassem fiéis ao Medeiros, João Ferreira na ponta e Chico Herculano e sua gente no olho da rua. E estar incompatibilizado com esse homem que o podia mandar dali, direito como um fuso, a uma cadeia na Câmara! Decididamente o seu tio era um velho simplório, sem capacidade para enxergar um palmo adiante do nariz! Só lhe

---

<sup>19</sup> Assim era intitulado Deodoro da Fonseca, depois de proclamar a República e assumir o governo do Brasil. O tempo do romance reflete esse período de transição Império—República, no Ceará.

restava a fuga imediata para chegar ao Rio em tempo de aproveitar a maré alta dos acontecimentos.

— Temos hoje uma reunião dos amigos às oito da noite nesta nossa casa.

— Sim, disse Alípio, todo entregue ao pensamento de preparar rapidamente a sua partida. O tio certamente havia de insistir pelo seu comparecimento à reunião, e então falar-lhe-ia abertamente de seus planos, que nada tinham de comum com os interesses da politicagem da terra.

E, enquanto aqueles broncos de matutos estivessem ali a jurar fidelidade ao seu partido, ele penetraria em casa de Bilinha como um vencedor que volta à praça rendida para ter a sensação completa da posse, para gozar da vitória já sem nenhuma preocupação de luta. Era a atitude que convinha — cara contente, um sorriso de súplica risonha, olhos de quem pede perdão e promete carinhos, vista grossa às pieguices de arrependimento, ouvidos surdos às re- criminações choramingas e o propósito deliberado de continuar a aventura começada, naturalmente, como se continua a fumar um charuto que se acendeu, como se continua a absorver um copo de cerveja de que se bebeu o primeiro gole. Aquela lua de mel, clandestina embora, tinha que seguir o seu curso como todas as luas que se prezam: agora era o crescente, e não podia, pois, desertar do céu, deixando às escuras as últimas noites que ele pretendia passar em Ipuçaba. E de novo os episódios da noite, já coordenados e nítidos pela rememoração freqüente, lhe perpassaram pelo espírito, e o seu corpo anelante sentia a necessidade de rolar para a velha casa amarela da rua da Feira, como uma pedra combusta para o fundo de um vale de sombra cariciosa e fragrante.

Teria ido parar, mesmo à luz indiscreta daquele sol de três horas, à casa de Bilinha, se o Casimiro, passageiro assustado de uma nau que ameaçava ir ao fundo, não se colasse desesperadamente à sua ilharga, como ao único homem que sabia nadar e poderia salvá-lo também. O angustiado escrivão pressentira que Alípio não iria à reunião de Chico Herculano e procurava certificar-se disso para não ir também, queria que lhe sugerissem um pretexto, que lhe atirassem uma tábua, por mais exígua que fosse, a fim de escapar-se, de fugir ao juramento fatal de não abandonar o capitão no momento extremo. Aquilo era a morte certa, e ele não nascera para herói: preferia viver ajoujado à velha corda que lá estava de laço aberto a pender do balcão do João Ferreira... De seu pescoço já se desfizera a mozza e o pêlo roído crescera vigoroso naqueles meses de liberdade, durante os quais ladrara provocante ao avistar o amo odioso e odi- ento. Ia doer-lhe infernalmente a coleira fatal; estava certo de sofrer

tremendos castigos nos primeiros tempos; mas, acompanhar o Chico Herculano seria a morte, seria a demissão, o exílio ou a fome, e talvez a cadeia, de quebra. E numa angústia tremenda e envergonhado acompanhava esse forte e ditoso Alípio, inacessível a sofrimentos dessa espécie, superior aos homens e aos fatos, que não fazia caso do emprego, que podia ir embora por esse mundo de Deus, para as grandes terras onde não chegava a força diabólica do João Ferreira. Depois de marchas e contramarchas ao lado desse homem, em quem sentia estrebuchar a sua última esperança, Casimiro vomitou com uma inflexão de grito de socorro esta pergunta que lhe embrulhava o estômago:

— O doutor vai mesmo a essa reunião?

A pergunta valia por uma confidência aflita e completa.

— Qual nada! Vou ao vispóra da professora. E você também não vá, homem! Não se sacrifique à toa! Se se trata de uma cisão, você tem o direito de optar por esta ou aquela facção, com a sua dignidade intacta. Se eles impugnam o Lucena, fique você com o Lucena, isto é, fique com o generalíssimo, que foi, no fim de contas, quem fez a República. Acredita você que a República seria possível sem o Deodoro?

— Absolutamente! bradou Casimiro, fuzilando os olhos de admiração por esse generalíssimo que lhe cumpria apoiar com todas as energias do seu patriotismo. Quem derrubou a Monarquia (havia no tom desdenhoso de Casimiro uma intenção de minuscular o omí-noso regime decaído) foi o exército, e o exército não se moveria senão a um sinal do Deodoro.

— Pois é! E agora uns troca-tintas, que se aproveitaram da confusão do momento para se encarapitarem nas posições, já querem mostrar os dentes ao velho soldado, só porque ele chamou um seu compadre e amigo para auxiliá-lo! Porque o Lucena não é republicano histórico? E o Rui o será também? E quantos adesistas não estão aí blasonando de radicalismo? Eu, que fiz parte da comissão de recepção do Silva Jardim no Recife, que trabalhei na imprensa com o Maciel Pinheiro e o Martins Júnior na propaganda, estou com Deodoro em tudo e por tudo! É a obra da ingratidão que começa. Vou breve para o Rio e hei de falar, hei de escrever... Demais, sou amigo particular do Lucena. Aqui para nós, digo-lhe mais: se eu continuasse aqui havia de organizar um grupo de apoio ao generalíssimo.

Um vasto horizonte de esperança e de consolação tinha-se rasgado diante da alma atribulada do Casimiro, por virtude da superior compreensão que tinha das coisas esse extraordinário rapaz, que devia ficar para levantar a bandeira do novo partido fiel ao genera-

líssimo. E até o João Ferreira podia entrar com a sua gente. Ficava um partido de arromba! Alípio entrava com a inteligência, João Ferreira com a força!

Sorratamente Casimiro transmitiu o seu pensamento ao promotor. Mas este abalou a cabeça numa recusa formal e desesperada. Ficar é que não podia. Estava se sacrificando para ser agradável ao tio, e tinha horror à politicagem de aldeia. Era tempo perdido trabalhar naquele grogotó, naquele buraco do mundo, cuja existência passava inteiramente despercebida. E estava incompatibilizado com o João Ferreira. Para que abrir luta sem proveito? Nem um magro lugar de secretário do governo estadual lhe dariam. . .

— O quê? Unido ao João Ferreira? Estava deputado federal na primeira eleição.

E os dois conjurados possíveis fitavam-se como para consultar as disposições um do outro. Casimiro via ali a tábua prestante que uma onda indiferente poderia arrastar para longe no momento crítico, e resolveu desmascarar-se até os ossos das mandíbulas, rilhantes já do medo da miséria que o esperava:

— Eu também estou incompatibilizado com o João Ferreira; mas tenho meios de arranjar tudo para o doutor entender-se com ele. Depois terei a recompensa que merecer.

Alípio limitou-se a apertar a mão do Casimiro e a dizer:

— Bem, apareça lá em casa para conversarmos.

Deixou o escrivão fincado no solo pelo peso daquela grave empresa, puxou o relógio: quatro e meia. Ia ainda passar pela porta de Bilinha. Fechada. Mais adiante topou com a Benvenida à porta, a regatear com veemência o preço de uma carga de lenha. O lenhador queria dez tostões; ela não dava mais de dois cruzados, que o seu dinheiro não era roubado. E, como visse Alípio aproximar-se, ofereceu nove tostões para acabar com a pendanga.

— Isto é ainda para cozinhar o jantar? perguntou o bacharel rindo familiarmente.

— O jantar já está aqui, disse ela batendo sem cerimônia no bucho; mas, se quer esperar, apronta-se outro enquanto o diabo esfrega um olho.

— Muito obrigado, fica para outra vez. E outra coisa: que é da vizinha?

— Creio que está incomodada; fechou a porta logo que os meninos saíram.

— Então não teremos o nosso joguinho hoje, *sinhá* comadre?

— Sei lá! A vizinha anda assim meia lesa. . . Decerto não fui eu quem lhe botou quebranto. . . Ah! meu doutorzinho. Você só veio a esta terra para desencabeçar as filhas alheias.

— Eu! ora essa!

— Felizmente já não presto para nada, e não tenho filhas, graças a Deus. E, se tivesse, não jogavam víspera com você, não, mas Deus é grande.

— Ora, comadre, deixe de maldade! Que diabo tenho eu feito aqui?

— Canta, meu passarinho! Quem não conhecer que te compre. Se aquela pobrezinha não tomar tento, está mas é desgraçadinha da silva. E diga-me cá: como se arranjou com aquele tempão desta noite? inquiriu a Benvinda cravando-lhe um olhar de perfurante malícia.

— Ah! um horror. Fui para casa debaixo daquele pé d'água que caiu logo depois de sua saída. Não sei como não apanhei uma constipação tremenda.

— E ela foi quem amanheceu de macacoa?... Seu doutor! Seu doutor!

— Bom, comadre, vou-me embora. Você está hoje com uma língua danada. Até logo, até à noite.

— Sim, até à noite. Vou pelo portão de trás saber o que tem D. Bilinha.

Alípio jantou sozinho. O vigário saíra a uma confissão, encarregando o professor de tirar por ele a ladainha do mês mariano. E, enquanto começavam a passar raros transeuntes para a casa do Chico Herculano, uma roda alvoroçada e basta se formava na botica oposicionista. Soube-se logo ali que o promotor não iria à casa do Chico Herculano, e que Casimiro fora visto ao anoitecer a cavalo em rumo da fazenda da sogra. João Ferreira recebera um telegrama da Capital, segundo diziam, mas negava, nada dizia, e apenas sorria com o seu velhaco sorriso sintomático de mudança de tempo. O boticário, bilioso e eternamente frenético, esquecera-se de passar no caixeiro a costumeira descompostura vespertina. E a palestra, que há muito tempo se arrastava ali sorumbática e azeda, envenenada de horríveis objurgatórias contra a reputação do próximo, tornara-se como por encanto muito divertida, cortada de gargalhadas a que sucediam longos conciliábulos cochichados e emocionantes.

Aquela hora Alípio jogava o víspera em casa da professora com os parceiros. Do que farejou a Benvinda, deu ela conta ao marido, quando voltou à casa, nesta frase expressiva: “Foi-se tudo quanto Marta fiou!” Mas aquela mulher, aparentemente depravada, tinha, ao dizer essas palavras, um tom de compaixão, que se tornou mais profundo ao comentar, abalando com tristeza a cabeça: “Coitadinha! Desgraçar-se com semelhante peralta!”

O Venâncio, que só agora dava pela coisa, ejaculou um palavrão com que traduzia a sua sólida indiferença ante o desastre, e prometeu à mulher guardar todo o segredo sobre a sua descoberta.

E, quando todos saíram, Alípio ocultou-se na sala da escola enquanto D. Maria Lina com suas próprias mãos fechava tranqüilamente as portas da rua.

## CAPÍTULO XI

NO DIA SEGUINTE, logo que o Casimiro, em espionagem ansiosa à porta de uma venda próxima, viu abrir-se a janela do quarto de Alípio, voou para lá como uma flecha. Mas o olhar que assestou com acuidade perscrutadora sobre o seu salvador e cúmplice ricocheteou desconsolado de encontro a uma cara estremunhada e quase hostil. A chamazinha de sua esperança, ainda azul na sua incipiência medrosa, quase se diluiu ao sopro adverso daquele inesperado acolhimento. Alípio deu-lhe bom-dia com uma voz estranhamente grossa e fanhosa, e depois tossiu. O matinal visitante viu então que ele tinha os olhos injetados, sentira-lhe as mãos geladas e dera pela faixa de lã que lhe envolvia o pescoço.

— Uma constipação feroz, Casimiro, queixou-se o promotor com um ronco penoso. E parece que tenho febre.

— Diabo! Ainda ontem à tarde estava perfeitamente bom...

— Voltei alta noite para casa... uma visita lá para o Açude... apanhei aquele chuvisco... A noite estava quente... Eu tinha suado... Uma estupidez!

— Realmente...

— E estes meus resfriamentos de garganta são sempre graves... Em Pernambuco estive muito doente... Isto é de família... Estou inquieto... Uma terra sem médico!

— Por isso não, doutor: o Pinheiro passa a perna em muitos médicos de carta... Tem sido chamado de Sobral, e até da Capital recebe consultas...

— Seja como for, se não melhorar até à noite, mando chamá-lo. E, quanto ao nosso negócio, fica para logo... Um! um! diabo, como me dói a garganta! Parece que tem um espinho atravessado!

Casimiro mandava a todos os diabos o intempestivo incômodo. Até Alípio ficar bom, como conduzir-se sem causar suspeitas aos herculanistas? que fazer para aproximar-se dos outros? E se viesse o rompimento da situação, obrigando cada um a tomar uma posição